

CONSTRUINDO SIGNIFICADOS DO CUIDADO DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO: UMA PESQUISA FENOMENOLÓGICA¹

Bruna Fernanda Barbosa Queiroz*
Mara Lúcia Garanhani**

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as transformações que o conceito de cuidado adquire durante o processo de formação, na graduação de enfermeiros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com referencial da fenomenologia existencial de Martin Heidegger. Para o desenvolvimento do estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 enfermeiros recém-formados, todos egressos do currículo integrado do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Londrina, cujo tempo de atuação profissional variou de seis meses a três anos. A coleta de dados ocorreu entre maio e novembro de 2011. Os resultados foram organizados em três unificações ôntico-ontológicas pertencentes ao movimento de se tornar um enfermeiro cuidador. A primeira unificação aborda o início da graduação e sua aproximação com o cuidado; a segunda trata da aprendizagem do cuidado no processo de formação; e a terceira versa sobre o findar da graduação e as projeções para a vida profissional. Concluiu-se que há necessidade de, na formação da graduação em enfermagem, intensificar ações de educação fundamentadas na existência humana, compreendendo o ser estudante como um ser em desenvolvimento, que precisa encontrar referências e significados próprios para se tornar um cuidador autêntico.

Palavras-chave: Cuidados de Enfermagem. Educação em Enfermagem. Recém Formado. Pesquisa Qualitativa.

INTRODUÇÃO

A formação do enfermeiro objetivando uma assistência individualizada, humanizada e sistematizada, voltada para as necessidades das pessoas, da família e da coletividade, precisa estar afinada com questões como a qualidade do cuidado e o desenvolvimento de uma prática científica. Neste cenário, o cuidado pode ser compreendido como uma forma de criar, ou seja, como uma possibilidade de intervir e transformar situações, respeitando o indivíduo que é cuidado e atribuindo-lhe significado.

Assim, faz-se necessário considerar que o cuidado é constituído também por princípios e valores fundamentais, como direito, autenticidade, defesa da vida, acolhimento e alteridade⁽¹⁾. Embora não seja fácil a delimitação das concepções de cuidado que orientam as ações na atenção à saúde e na enfermagem, a explicitação de seus elementos constitutivos torna-se relevante para a prática de profissões que o assumem como diretriz ou se constituem por sua produção.

Cuidado é um termo que compõe a linguagem da enfermagem, e é entendido como

um modo de ser relacional e contextual, que se caracteriza como uma das pouquíssimas ações verdadeiramente independentes da enfermagem. Desta forma, o cuidado não pode ser prescrito ou ditado, mas apenas sugerido ou aconselhado. Cuidar implica um movimento em direção a algo ou alguém que é motivo de interesse ou preocupação, pois é uma ação moral que tem por objetivo aliviar, satisfazer, ajudar, confortar e apoiar⁽²⁾.

O cuidado pode ser definido “como zelo, atenção, uma forma de expressão, exercício pleno do que há de mais humano no ser”⁽³⁾. É uma ação que compreende não apenas atitudes de atenção em relação ao corpo, mas também a atitude de olhar nos olhos do cliente, escutar o que ele diz, perceber seus sentimentos, dialogar com ele e tocá-lo como a um ser humano. Neste contexto, uma singela atitude do cuidador pode representar muito para o ser que se apresenta com necessidades de cuidado. A empatia neste momento é uma atitude de inestimável valor. O cuidado também pode ser definido a partir da percepção individual e subjetiva que cada sujeito carrega consigo, com base em um olhar histórico e social que é construído pelas vivências⁽⁴⁾.

¹Artigo originado da dissertação de mestrado em enfermagem: “Cuidado de enfermagem e valores pessoais: uma abordagem fenomenológica”, Universidade Estadual de Londrina. 2012.

*Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Enfermeira do Serviço de Educação e Pesquisa do Hospital Dr. Eulalino Ignácio Andrade, Londrina – PR. E-mail: brunafernandabq@gmail.com.

**Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina.-PR. E-mail: maragara@hotmail.com

Destarte, pode-se compreender cuidado como uma relação intersubjetiva que se desenvolve para além do saber profissional e das tecnologias necessárias, que abre espaço para o reconhecimento e para a inclusão dos desejos e das necessidades de cada um.

A educação em enfermagem pretende trabalhar o desenvolvimento do cuidado, e para tanto, deve estar centrada na condição humana. Conhecer o ser humano é, antes de tudo, situá-lo no universo e não o separar dele. Interrogar sobre a condição humana implica, primeiramente, em questionar a sua posição no mundo⁽⁵⁾.

A análise de resultados de pesquisas desenvolvidas sobre o cuidado em enfermagem também propicia reflexões sobre os desafios da formação⁽⁶⁾. Percebe-se que é necessário trabalhar nas salas de aula, de forma contínua, o desenvolvimento do pensamento crítico e de habilidades para a formulação de perguntas, análise de situações, avaliação de conceitos e argumentos e tomadas de posição, ou seja, é urgente debater, de maneira interdisciplinar e multiprofissional, questões relacionadas ao cuidado.

Resultados de estudos apontam que os enfermeiros com menor tempo de atuação profissional, ou seja, aqueles cuja formação é recente, apresentam uma visão mais ampla e aguçada sobre a dimensão ética do cuidado, assim como os enfermeiros que atuam na docência⁽⁷⁾.

Neste contexto, a interrogação deste estudo é: Quais as transformações que o conceito de cuidado adquire no processo de formação? O objetivo desta pesquisa foi compreender as transformações que o conceito de cuidado adquire durante o processo de formação de enfermeiros.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O presente estudo, que se caracteriza como pesquisa qualitativa, fundamentou-se na fenomenologia existencial de Martin Heidegger. Foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob o Parecer n.º 5353/2011. Foram entrevistados 12 enfermeiros em início de carreira, cujo tempo de experiência profissional

girava em torno de um a três anos, todos egressos do curso de enfermagem da UEL. A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio e novembro de 2011. As questões orientadoras da entrevista foram: Qual o conceito que você tinha de cuidado quando começou a graduação? e Como você aprendeu a ser um cuidador? Para realizar a análise foram adotados os seguintes procedimentos⁽⁸⁾: realização de várias leituras para captar o modo de ser estudante de enfermagem no mundo da formação; seleção dos sentidos apresentados nos discursos; aproximação e união das unidades de sentido para a construção das unificações ôntico-ontológicas na perspectiva da fenomenologia existencial de Heidegger⁽⁹⁾. As entrevistas foram identificadas com nomes de valores humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram organizados segundo as experiências do estudante de enfermagem pertencentes ao fenômeno tornar-se um enfermeiro cuidador, e apresentados em três unificações ôntico-ontológicas. A primeira trata da entrada na universidade e do confronto das expectativas de cuidar; a segunda aborda o desenvolvimento do processo de formação, momento em que o estudante aprende a cuidar; e a terceira abarca o findar da graduação e a forma como o futuro profissional projeta-se para o futuro como um enfermeiro cuidador.

O cuidar do outro revela facetas singulares e subjetivas e a fenomenologia existencial pode se constituir como um caminho para a exploração e compreensão dessa vivência profissional.

A fenomenologia heideggeriana proporciona compreensão da experiência humana, pois procura valorizar o ser na sua singularidade. Ocupa-se em explicar as estruturas em que a experiência acontece, descrevendo-as com base em princípios ontológicos universais⁽¹⁰⁾.

Durante toda a sua atuação filosófica Heidegger sempre indagou o ser. Para o filósofo, ser é a maneira como algo se torna presente, manifesto, percebido, compreendido e, finalmente, conhecido para o ser humano, o que é designado por ele como Dasein ou ser-aí, que se constitui sempre em um ser-no-mundo. Este conceito enfatiza a ideia de que o ser não o é sem suas formas de manifestação. O ente é algo

simplesmente dado no mundo, que pode ou não refletir sobre sua existência. Assim, o ente é o que pode ser percebido, conceituado, generalizado, embora por vezes seja estático, enquanto o ser-*aí* deve ser compreendido no seu modo de ser, agir e se transformar. Heidegger refere-se ao homem como ente distinto, que é capaz de questionar sobre o sentido do ser^(9,11).

O ser-no-mundo comporta a visualização do em-um-mundo; constitui-se nas múltiplas maneiras em que o homem vive e pode viver e nos vários modos como ele se relaciona e atua com os entes que encontra ou que a ele se apresentam⁽⁵⁾.

Existem muitos outros conceitos ensinados por Heidegger que são utilizados nas reflexões existenciais da sociedade contemporânea. Sua utilização na enfermagem tem contribuído para análises de fenômenos relacionados ao cuidado e aos cuidadores. Por isso neste estudo foram utilizados conceitos aplicados da fenomenologia existencial de Heidegger expressos nas unificações ôntico-ontológicas apresentadas a seguir.

O início da graduação em enfermagem: aproximando-se do cuidado

A entrada na universidade, no curso de enfermagem, é envolta por sentimentos difíceis comuns a muitos estudantes de nível superior de outros cursos, sentimentos que são gerados pelo fato de estarem adentrando em um mundo novo e em contato com novos entes, o que propicia a vivência de sensações de estranheza, solidão, tristeza, insegurança e outras. Alguns graduandos passam por um período de adaptação aos novos métodos de ensino, que são diferentes dos utilizados no Ensino Médio; outros se mudam de suas cidades de origem para ter acesso aos polos de educação de nível superior.

Fraternidade: Eu pensava se valia a pena estar lá mesmo, eu tinha mudado de cidade, deixado minha casa e se fosse algo que eu não gostasse ...eu ia voltar para casa.

Heidegger⁽⁹⁾ atribui estes sentimentos à experiência de viver em um mundo inóspito e marcado pela incompletude, e ao abandono por se ver lançado no mundo, em determinadas condições, sem ter escolhido tal situação. O fato de ter de conviver com o desconhecido pode

causar angústia. A angústia, para ele, é um sentimento que, de todos os sentimentos e modos da existência humana, é o único que pode reconduzir o ser ao encontro de sua totalidade. A angústia origina-se quando o ser-*aí* percebe-se como um ser-para-a-morte e, assim, revisita sua existência, tendo a chance de buscar um sentido. Pode ser vista como uma atitude, no sentido de procedimento metodológico, por meio da qual o ser humano alcança a ideia de temporalidade e, com ela, a ideia de historicidade, forçando-o a um ter-que-ser diante da morte, diante de sua fraqueza e de seus limites.

Podemos inferir que um dos sentimentos vivenciados pelo ser estudante de enfermagem no início da formação é a angústia; porém não podemos afirmar que se trata de uma angústia idêntica e da mesma intensidade que a referida pelo filósofo.

Alguns entrevistados, ao falar sobre o início do processo de formação, revelaram não saber o que era cuidado, tão pouco quais eram as ações da enfermagem:

Respeito: Eu não tinha muita noção do que era cuidado.

Responsabilidade: Prestei a faculdade de enfermagem, mas não sabia muito bem o que fazia no curso e nem se era uma área que eu gostaria de atuar, e só fui descobrir isso durante a faculdade.

Ao se lançar a conhecer um novo mundo, o ser-estudante de enfermagem se movimenta, ora se fechando nas veredas desconhecidas do mundo em que acabou de adentrar, ora se abrindo para conhecê-lo e poder lhe atribuir significados.

Outros estudantes reconhecem que o cuidado é uma ação fundamental na enfermagem, mas ainda têm dificuldade em encontrar referências para se identificar com a futura profissão. Eles consideram a enfermagem sinônimo de cuidado, mas essa atribuição é muito mais relacionada a uma representação social do que às próprias ações de cuidado desenvolvidas ou aos significados já construídos. Assim, o ser-estudante precisará encontrar suas próprias referências para poder construir sua identidade como enfermeiro:

Compaixão: A gente entra na faculdade com aquela cultura né, enfermagem é igual a cuidado.

Neste mundo novo a ser habitado também existem aqueles que buscam se projetar para o que será a enfermagem.

Compaixão: Só que eu não imaginava o que era a enfermagem em si. O cuidado eu já imaginava, a enfermagem, não.

Algumas das expectativas dos ingressantes mostraram-se relacionadas a um modelo biologicista, que encara o cuidado como intervenção de alta complexidade, e assim, mesmo sem conhecer esta realidade, é para ela que se projetam:

Esperança – Então a gente entra no curso já querendo usar jaleco, quer ir no hospital, ver sangue, ai acaba ficando tanto tempo em aulas de história, anatomia, histologia e a gente vai acalmando essa vontade de ir lá e se sentir o enfermeiro.

Na busca por superar esta visão biologicista faz-se necessário considerar a educação como cuidado, para que o ser-estudante possa viver na plenitude de sua existência. A trajetória do aluno a ser desenvolvida na escola nesta perspectiva deverá ser vista como um projeto pedagógico, utilizando-se de situações concretas da vida cotidiana para que a educação não seja apenas um processo de elevação histórica da mente, do natural para o universal, mas uma condição mesma na qual o homem se humaniza. Desta forma, é necessário transmitir ao ingressante que muitas vezes o cuidado está presente nas relações humanas de forma imperceptível, entre sujeitos individuais e coletivos, ajudando-o a destinar-se e abrir-se para as perspectivas de ser do futuro enfermeiro.

A vivência da graduação em enfermagem: aprendendo a cuidar

Para o ser-estudante de enfermagem, a vivência no mundo da formação ocorre de modo marcante e acaba por revelar, aos poucos, o significado do cuidado:

Humildade: Cuidado no começo era atenção, cuidar das pessoas mesmo, a pessoa tem alguma doença, alguma enfermidade, cuidar para que ele se recuperasse bem, era isso.

Responsabilidade: Acho que no começo a gente pensava que era muito cuidar só no hospital, não pensava no paciente como um todo, cuidar ali na sua fase aguda.

Nestas falas observa-se o cuidado para a recuperação, ou seja, um cuidado de ocupação. O ser com quem o estudante de enfermagem se relaciona é sempre visto como um ser enfermo, debilitado, hospitalizado, afastado de suas possibilidades. Ao mesmo tempo, ele assume valores de solidariedade e solicitude em busca de ajuda para este cuidado.

O cuidado como ocupação diz respeito ao fazer pelo outro, ocupar seu lugar de cuidado; desta forma o cuidado pode tornar-se dependência, domínio. Já o cuidado como preocupação remete à atitude de propiciar o cuidado do outro, favorecendo-o nas suas potencialidades para vir a ser, ajudando-o no cuidado do próprio ser⁽⁹⁾.

Nesta perspectiva, o futuro profissional pode se precipitar sobre o outro, isto é, fazer tudo por ele, mimá-lo, manipulá-lo, ainda que de forma sutil, ou criar espaços para que o outro seja capaz de assumir seus próprios caminhos, ainda que com o amparo de alguém que lhe é solícito^(12,13). Em síntese, pode-se tomar a condição de padecimento do outro como uma maneira, temporária ou definitiva, de estar no mundo, fazendo de sua prática uma ação de cuidado próprio com o outro, ajudando-o a resgatar sua liberdade; ou de cuidado impróprio, restringindo ainda mais suas possibilidades de liberdade. Espera-se do profissional de saúde ajuda, e não uma ação limitante e alienada do padecimento.

Estas reflexões conduzem a propostas profundas que trazem para o centro da discussão a formação para o cuidado, o que envolve grandes desafios práticos, tanto para os profissionais de saúde ligados ao mundo do trabalho quanto para os atuam ao mundo da formação em saúde⁽¹³⁾. Constituem-se em desafio porque o ser-ai, em seu processo de formação, vislumbra no fazer pelo outro seu modo fundamental de se relacionar com o ser enfermo, o que lhe abre possibilidades de outros modos de cuidado, como relata um dos entrevistados:

Liberdade: A gente quer é ser útil, quer ajudar, fazer as coisas para o paciente. Às vezes até dava para perceber que eles (os pacientes) ficavam até irritados com aquele monte de alunos em cima deles procurando o que fazer, mas fazer o quê? É o que aluno faz, não é?

O cuidado como relação necessita de segurança por parte de quem cuida e de quem é cuidado. Quando o ser estudante é exposto a situações de cuidado, é natural que se sinta inseguro, pois são momentos de demonstração e avaliação de seu conhecimento. A organização por duplas ou grupos de alunos objetiva que todos tenham oportunidade de conhecer o paciente e observar determinados procedimentos que o colega realiza, o que lhes possibilita o alívio tensional, embora possa ocultar dificuldades e omissões.

Por outro lado, o professor, ao se abrir para a tarefa de ensinar, aproxima-se do aluno para conhecê-lo e identificar suas dificuldades. O professor revela-se enquanto cuida do aluno. Ele procura obter informações que possam orientar seu fazer pedagógico e se preocupa em não realizar uma avaliação incorreta sobre o desempenho dos estudantes. Em seu modo de cuidar, o ser professor toma para si a responsabilidade de criar condições para que o aluno se desenvolva conforme suas próprias possibilidades⁽¹⁴⁾.

Por outro lado, quando a prática pedagógica se torna rotineira, o ser estudante é afastado de suas possibilidades de desenvolver um verdadeiro vínculo com o paciente e um modo de cuidar próprio. Ao se espelhar nas ações praticadas pelo professor ou por um colega, ele não apenas realiza uma repetição de ações, mas também se priva de desenvolver atitudes próprias.

O cuidado não pode ser uma atitude parcial, fragmentada ou recortada da ação humana, que se baseie somente na racionalidade estratégico-procedimental, pois é um modo de existir que exige do ser-aí a compreensão de sua ação como um acontecimento que abrange a vida humana em sua totalidade⁽¹⁵⁾.

A atitude de cuidar não pode ser apenas uma pequena e subordinada tarefa parcelar das práticas de saúde, pois envolve desafios éticos, morais e políticos, advindos do apoio de instituições e culturas da saúde baseadas na racionalidade e em autoridades científico-tecnológicas que dominam as ações de atenção à saúde propriamente dita⁽¹⁶⁾.

A fragmentação da relação estudante-enfermo depara-se, ainda, com a prerrogativa biologicista prevalente nos serviços de saúde, pois, de modo geral, o mundo da formação

encontra-se muito focado no conhecimento do corpo anatômico e nas tecnologias duras. É inegável a importância do conhecimento teórico-científico para a enfermagem enquanto ciência; no entanto, a não delimitação ou contextualização da aplicação desta ciência pode levar a um afastamento do conceito de cuidado mais próximo do ser:

Riqueza Interior: Eu acho que na faculdade uma coisa que a gente vai aprendendo é se apropriar de um cuidado humano que sempre existiu e colocar formas, técnicas corretas, de cuidar de outras pessoas [...] não falo que isso não é importante, mas eu acho que o que a gente aprende de importante na faculdade é fazer um cuidado técnico baseado no cuidado humano. [...] Eu falo cuidado humano de uma forma até romântica, transformar isso em cuidado técnico, a faculdade ensina isso.

O processo de formação deve possibilitar a abertura ao conhecimento e à aplicação de novos conceitos, como destacam as falas de alguns dos entrevistados, os quais relataram ter ampliado sua noção de cuidado:

Respeito: Fui agregando que o cuidado é mais complexo do que a gente pensa, não é só fazer assistência e pronto”. Descobri isso em disciplinas como enfermagem médico-cirúrgica, saúde da mulher, anatomia; o cuidado envolve tudo isso, não é somente fazer... como “Ah! vou lá passar uma sonda”; você tem que saber por que você está fazendo isso, conhecer anatomia, os cuidados, a monitorização que você ter.

Cooperação: Eu só fui entender o que era enfermagem e o cuidado da enfermagem, que ele é muito mais amplo, mais para frente.[...] que com o passar do tempo eu vi que as atividades eram muito mais amplas, e o cuidado era muito mais amplo, não se restringia à técnica e ao biológico.

Cada um precisa, em seu tempo, buscar significados e atribuir sentido às coisas que encontra no mundo. Este tempo e este significado acontecem para cada indivíduo em momentos distintos, de forma individual, embora todos estejam imersos na cotidianidade do mundo⁽¹²⁾. É neste tempo que cada um constrói seu existir enquanto ser estudante de enfermagem. Além disso, ocorre também uma identificação entre os entes que compõem este mundo, ou seja, entes professores, entes

enfermeiros de campo e aquilo que desejam ser no porvir:

Cooperação: Eu acho que fui evoluindo conforme eu sabia o que o enfermeiro fazia e quais as competências do enfermeiro.

Responsabilidade: Alguns professores você vai gostando mais, quer ser tão bom quanto ele; alguns você se identifica menos, igual a matérias também.

Quando se depara com a realidade e percebe que ela é diferente daquilo que ele havia projetado, o ser enfermeiro passa a vivenciar momentos de conflito. À medida que o estudante se familiariza com o mundo, interpreta-o e o compreende, movem-se as suas referências com os entes da nova prática educativa. Nesse movimento a instituição formadora deve favorecer ao ser estudante a vivência de abertura para novas possibilidades de referência.

O findar da graduação em enfermagem: projetando-se como um enfermeiro que cuida

A insegurança reaparece no momento final da formação, pois o ser estudante se depara com um mundo novo, o mundo do trabalho. Ao se lançar para este mundo desconhecido novamente ele habitará o inóspito, vivenciará a estranheza e precisará construir novas referências. Ao se referir ao final da formação, na graduação, o ser estudante expressa que seu conhecimento é insuficiente para iniciar a prática profissional:

Sinceridade: Quando a gente sai, a nossa bagagem é muito pequena ainda.

Um estudo encontrou resultados semelhantes ao revelar que o estudante de enfermagem vivencia sensação de inabilidade para ser aprendiz na nova prática. Sente-se estranho e inseguro; sofre, chora, teme e não encontra familiaridade com o mundo a ser habitado. Fica imerso na obscuridade das dificuldades, sente-se fora de casa⁽¹²⁾.

O ser estudante não encontra sentido quando se volta para o período de formação, no que diz respeito às necessidades do cotidiano do mundo do trabalho. Ao concluir a graduação, não se identifica com os futuros profissionais ou se perde no imobilismo da repetição de modelos que não se mostraram estimulantes, o que dificulta o estabelecimento de sentidos próprios:

Fraternidade: A princípio eu não gostei do curso [...] porque o começo era muita teoria, muita discussão de uma coisa que você nem viveu ainda.

Esperança: Quando eu sai, também não dava para saber muito bem se eu ia atuar mesmo, o internato foi muito ruim, eu não queria ser igual àqueles enfermeiros.

É relevante que o enfermeiro recém-graduado coloque em questão os conceitos e valores construídos no processo de formação acadêmica para não permanecer preso a modelos idealizados e romantizados. É importante vivenciar a estranheza e a angústia em busca de um sentido próprio de enfermeiro cuidador.

Em relação ao processo da formação em si, pode-se refletir sobre a pedagogia a partir de Heidegger, embora o filósofo não tenha se detido, de forma específica, na fundamentação de teorias pedagógicas. Seus pensamentos permitem articular possibilidades de uma nova forma de pensar a relação entre filosofia e pedagogia⁽¹⁵⁾. Sem esta abertura e sem sensibilidade para provocar nos estudantes uma reflexão crítica, a pedagogia correria o risco de se mover apenas na esfera das vivências, sem adentrar no fenômeno da existência.

Seguindo este raciocínio, pode-se afirmar que o risco é a formação do enfermeiro mover-se apenas na esfera das experiências práticas do ser estudante, sem adentrar no fenômeno da existência, ou seja, sem a possibilidade de atribuição de sentidos. Desse modo, também no âmbito pedagógico, para que o cuidado possa assumir a condição ontológica do ser-aí, precisa abranger a dimensão da totalidade, a qual, por sua vez, contém dupla perspectiva: a ôntica e a ontológico-existencial.

No processo de formação, na graduação, é imperativo que se opte pela diversificação de cenários de aprendizagem. Esses cenários devem ser introduzidos como espaços de captação do conhecimento que objetivam transformar os atores em indivíduos atuantes, não despidos do aspecto humano. A construção do conhecimento deve ser fortalecida pela valorização e ressignificação dos conhecimentos prévios que os estudantes trazem a partir das experiências vividas.

Desta forma, a formação do enfermeiro deve ser contextualizada e se configurar como um trabalho coletivo e social. Importa repensar a

enfermagem sob o condão da cidadania, de modo a resgatar o valor do cuidado em espaços democráticos, justos e solidários, onde poder e cidadania não se dissociam; ou seja, em espaços de buscas, descobertas e desafios, onde o otimismo tem uma tonalidade de esperança⁽¹⁷⁾.

A educação em enfermagem, ao priorizar o cuidado, pode contribuir para aumentar as possibilidades de ajuda aos estudantes, visando a uma maior estabilização destes, em conformidade com os aspectos da realidade. Heidegger⁽⁹⁾ afirma que a conformidade com o mundo circundante é o que dá liberdade aos entes.

Um dos entraves na formação do enfermeiro é encontrar formas para que os estudantes visualizem possibilidades e busquem seus próprios caminhos. O aluno, às vezes, coloca um limite para si próprio, pois se move pelo automatismo da queixa e custa a abrir-se e destinar-se em sua obra. Ao se colocar nessa posição, desperdiça oportunidades de participar mais efetivamente, “des-cuida-se”, pois se sente restrito e com perdas. Mesmo que a proposta pedagógica contemple a abertura para a participação do aluno, este também precisa se movimentar nessa direção, assumindo sua responsabilidade pelas escolhas realizadas. O cuidado só existe com a presença do ser aluno e quando este se ausenta, afasta-se, “des-cuida-se”⁽¹²⁾.

Heidegger⁽⁹⁾ enfatiza que o ser-aí, o ser-no-mundo, o homem, é presente, passado e futuro. No presente o homem é, existe, de forma consciente, mas também tem um passado que não pode mais mudar e que persiste em sua memória; por outro lado, não pode ir para o futuro, como existência ainda não concretizada, mas pode prever e antecipar o amanhã. Enquanto existe em si mesmo, o ser-aí também existe como antecipação de suas possibilidades, sempre que procura algo além de si mesmo. Assim, o ser estudante de enfermagem é um ser em constante busca para além de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vivenciar o mundo da formação, na graduação, o ser estudante de enfermagem depara-se inicialmente com o ser enfermo e atribui ao cuidado uma visão curativista. O valor desvelado foi a solidariedade, expressa em diferentes modos de cuidado, de ocupação e de “pré-ocupação”. No processo de formação, o ser estudante de enfermagem passa por períodos de identificação e de estranheza com professores, enfermeiros de campo e conteúdos teóricos, e neste contexto revela suas vivências mais significativas, mas muitas vezes só consegue ampliar a concepção de cuidado quando está próximo de findar o período de graduação. Alguns, mesmo neste momento, ainda não encontraram significado na profissão e, ao se lançarem no mundo do trabalho, sentem-se novamente inseguros.

Após mais de duas décadas de um novo modelo de atenção à saúde e de mais de dez anos de diretrizes curriculares específicas, nota-se que ainda é preciso trilhar vários passos para a concretização do profissional almejado. O cuidado precisa ser revisitado como uma questão ontológica para que possa ser disseminado e ensinado em suas diversas maneiras ônticas, sem que se corra o risco de cristalizar o modo inautêntico de cuidado, que, após a formação, ainda é visto pelo egresso com os olhos do professor.

Uma vez desveladas algumas das singularidades do fenômeno “tornar-se um enfermeiro cuidador”, reforçamos a necessidade de voltar-se para o ato de educar. O processo de formação deve ter como principal objetivo apoiar o outro em sua busca por caminhos autênticos. Mesmo currículos integrados, flexíveis e dinâmicos precisam visualizar e considerar o estudante como um indivíduo com crenças, atitudes e valores: um ser-aí.

BUILDING MEANINGS TO NURSING CARE IN THE FORMATION PROCESS: A PHENOMENOLOGICAL RESEARCH

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the transformations into the concept of care to future nurses during undergraduate course. This is a qualitative research under Martin Heidegger's existential phenomenology referential. Semi-structured interviews were conducted with 12 recently graduated nurses. All of them had six months to three years' work experience, and graduated from Londrina State University integrated curriculum

nursing course. Data were collected from May to November 2011. Results were organized into three ontic-ontological unifications linked to the movement of becoming a caregiver nurse. The first unification approaches the beginning of undergraduate course and its introduction to care. The second relates to learning care in the formation process, and the third concerns the end of the course and the projections towards professional life. It was concluded it is necessary to intensify education actions funded in human existence during nursing course. That way, the student is able to be understood as an individual in development who needs to find its own references and meanings to become an authentic caregiver.

Keywords: Nursing Care. Nursing Education. Newly Formed. Qualitative Research.

CONSTRUYENDO SIGNIFICADOS DEL CUIDADO DE ENFERMERÍA EN EL PROCESO DE FORMACIÓN: UNA INVESTIGACIÓN FENOMENOLÓGICA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender las transformaciones que el concepto de cuidado adquiere durante el proceso de formación en la graduación de enfermeros. Se trata de una investigación cualitativa con referencial basado en la fenomenología existencial de Martin Heidegger. Para el desarrollo del estudio fueron realizadas entrevistas semiestructuradas con 12 enfermeros recién graduados, todos salidos del currículo integrado del curso de enfermería de la Universidad Estatal de Londrina, cuyo tiempo de actuación profesional varió de seis meses a tres años. La recolección de datos ocurrió entre mayo y noviembre de 2011. Los resultados fueron organizados en tres unificaciones ónticas-ontológicas pertenecientes al movimiento de tornarse un enfermero cuidador. La primera unificación abarca el inicio de la graduación y su aproximación al cuidado; la segunda, el aprendizaje del cuidado en el proceso de formación; y la tercera versa sobre el fin de la graduación y las proyecciones para la vida profesional. Se concluye que hay la necesidad de intensificarse, en la formación de la graduación en enfermería, acciones de educación fundamentadas en la existencia humana, comprendiendo al ser estudiante como un ser en desarrollo, que necesita encontrar referencias y significados propios para tornarse un cuidador auténtico.

Palabras clave: Cuidados de Enfermería. Educación en Enfermería. Recién Graduado. Investigación Cualitativa.

REFERÊNCIAS

1. Silva KL, Sena RR. A formação do enfermeiro: construindo a integralidade do cuidado. *Rev bras enferm.* 2006;59(4):488-91.
2. Waldow VR. Atualização do cuidar. *Aquichan.* 2008;8(1):85-96.
3. Fontes CAS; Alvim NAT. Cuidado humano de enfermagem a cliente com câncer sustentado na prática dialógica da enfermeira. *Rev enferm UERJ.* 2008; 16(2):193-9.
4. Barra DCC, Waterkemper R, Kempfer SS, Carraro TE, Radünz V. Hospitalidade como expressão do cuidado em enfermagem. *Rev bras enferm.* 2010;63(2):203-8.
5. Garanhani ML, Valle ERM. Educação em enfermagem: análise existencial de um currículo integrado sob olhar de Heidegger. Londrina: EdUEL; 2010.
6. Truissi MLV. Desafios metodológicos para a enfermagem na pesquisa do cuidado. *Text Cont Enferm.* 2010;18(4):605-6.
7. Almeida ABA, Aguiar MGG. A dimensão ética do cuidado de enfermagem ao idoso hospitalizado na perspectiva de enfermeiros. *Rev Eletr Enf.* 2011; 13(1):42-9.
8. Josgrilberg RS. O método fenomenológico e as ciências humanas. In Castro DSP, Ázar FP, PiccinoJD, Josgrilberg RS. *Fenomenologia e análise do existir.* São Paulo: Metodista Digital; 2000. cap. 1, p. 75-93.
9. Heidegger M. *Ser e tempo.* Petrópolis: Vozes; 2011.
10. Wojnar DM, Swanson KM. Phenomenology: an exploration. *Journal of Holistic Nursing.* 2007; 25(3):172-85.
11. Dourado MPB. As contribuições de Heidegger para a compreensão das relações de cuidado em uma enfermaria pediátrica. *Biblioteca virtual fantásticas veredas – FGR.* 2010 dez; 2-20 [acesso em: 12 abr. 2012]. Disponível em: http://www.fgr.org.br/admin/artigos/trab_2011170889026914151977959733.pdf.
12. Garanhani ML, Valle ERM. O olhar do aluno habitando um currículo integrado de enfermagem: uma análise existencial. *Cienc Cuid Saúde.* 2012; 11 (suplem):87-94.
13. González AD, Garanhani ML, Bortoletto MSS, Almeida MJ, Melchior R, Nunes EFPA. Heidegger's phenomenology as a framework for health education studies. *Interface.* 2012;16(42):809-17.
14. Kikuchi EM, Mendes MMR. O cuidado no processo de avaliação da aprendizagem: um enfoque fenomenológico. *Cienc Cuid Saúde.* 2012; 11 (suplem): 23-30
15. Dalbosco CA. O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia. *Educ Soc.* 2006; 27(97):1113-35.
16. Ayres JRCM. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. *Cienc Saude Colet.* 2005; 10(3):549-60.
17. Silva CMD, Santos NMP. Os cenários de aprendizagem: espaços de cuidado, conhecimento, poder e cidadania na formação do enfermeiro. *Rev Port Educ.* 2010; 23(2):173-99.

Endereço para correspondência: Bruna Fernanda Barbosa Queiroz. Rua Catarina de Bora n.137 apt. 102 CEP: 86039-370. Londrina, Paraná.

Data de recebimento: 18 de Maio de 2012

Data de aprovação: 09 de Novembro de 2012